



«Seu» Ramolino, um homem que convive com a natureza

Filme documentário representa Brasília

«Seu Ramolino», filme documentário tendo como personagem um camponês das cercanias de Formosa (GO) e seu relacionamento com a natureza, é a presença brasiliense no VI Festival Brasileiro de Curta-metragem Jornal do Brasil/Shell, a ser realizado no começo do próximo mês.

O filme nasceu a partir de um argumento elaborado pelo cineasta Marcos Mendes, e premiado no concurso promovido no ano passado pela Funarte, dentro de uma proposta lançada pelo crítico e escritor Paulo Emilio Gomes Salles, na época, professor da Universidade de Brasília.

— O filme surgiu a partir das pesquisas de Neurobiologia do professor Braúlio Magalhães. Ele nos colocou em contato com «Seu Ramolino», um camponês (sem terra), homem do mato, agregado de uma fazenda, e que conhecia os macaquinhos da região. Paulo Emilio Gomes Salles, na época em que era professor da UnB, queria que se fizesse um trabalho de documentação de aspectos da região, vinculados à Universidade, elevando o cinema de documentário a um nível de pesquisa, em articulação com os vários departamentos da UnB.

«Seu Ramolino» é uma produção brasiliense a nível profissional. Participaram do filme: Marcos Mendes (direção e produção), Marcelo Coutinho (fotografia e câmera), Alberto Nascimento (som direto), Sérgio Moriconi (roteiro e assistência de direção). «Eu acho que nesta lista dos realizadores do filme poderia ser incluído também o nome do «seu Ramolino, pela integração no trabalho. Seu Ramolino é o homem sem terra que tem uma grande sensibilidade, um grande amor pela natureza».

Esta natureza é simbolizada, no filme, por um macaquinho que se alimenta, principalmente, com a resina de algumas árvores do cerrado. «Neste amor, nesta relação de Seu Ramolino com a natureza transparece a falta de planejamento da terra. Desmata-se sem planejamento nas

cercanias de Brasília destruindo esta natureza».

Sob o ponto de vista da linguagem, Marcos considera o trabalho bastante simples e adequado a proposta do filme. «Dentro dessa proposta do Paulo Emilio o que se quer é elevar o filme documentário de pesquisa a uma dignidade como objeto de estudo». A importância deste filme é a de ter sido realizado a nível profissional com cineasta da cidade, e falando de problemas da região. Quer dizer, existe uma integração das coisas. A idéia, o argumento, os profissionais e o problema — falta de planejamento — são da nossa realidade do Distrito Federal».

O filme foi realizado com o auxílio da Funarte, 84 mil cruzeiros, mais 25 mil cruzeiros do diretor (Marcos Mendes), além do trabalho dos profissionais brasilienses. Mas, e agora? O trabalho terá continuidade? «Este ano não houve o concurso da Funarte, acho que sob a alegação de falta de verbas. Na realidade, o negócio é muito sério. Cinema é uma coisa feita em Brasília muito na base da porrada. Este filme é uma exceção. Teria que se criar condições para que este trabalho pudesse ir a frente, porque ele é muito importante».

E as alegações de falta de verba por parte das entidades justificariam efetivamente a não-existência de uma infra-estrutura para a produção cultural brasiliense? «Bem, aqui o ponto de vista é bem pessoal. Acho que existe na realidade uma falta de planejamento cultural desde a Universidade, que não desenvolveu o projeto de Heinz Forthmann, porque não quis. Ela não criou realmente condições. Não é falta de verba. As instituições, como a Fundação Cultural e outras, precisam se conscientizar que existem profissionais na cidade que fazem cinema e precisam viver. Agora, por exemplo, o Centro de Criatividade parou. Lá existia uma moviola. Hoje o cineasta tem de gastar 10 mil cruzeiros para ir até o Rio de Janeiro e pagar mais 15 mil cruzeiros para um montador, quando tudo isso poderia ser feito aqui».